



A origem mítica das festas de Congada e as memórias da escravidão no tempo presente em Minas Gerais

Livia Nascimento Monteiro

Doutoranda em História – UFF e Bolsista CNPq

Membro do Grupo de Pesquisa CULTNA– Cultura Negra no Atlântico.

Email: lnascimentomonteiro@gmail.com

Resumo

O objetivo desse artigo é apresentar partes da tese de doutorado, em andamento, sobre as festas de Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande – Minas Gerais (1926-2015), reconhecidas como festas do povo negro em devoção a Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Mercês e São Benedito. Desse modo, apresento as três gerações de congadeiros e moçambiqueiros, que há quase noventa anos promovem as representações ritualísticas e performances nas festas, atreladas às narrativas míticas contadas sobre a aparição de Nossa Senhora do Rosário, responsáveis por recriar as memórias da escravidão no tempo presente.

Palavras-chave: Congadas. Festas. Memórias da escravidão.



Jean-Baptiste Debret. Coleta para a manutenção da igreja de Nossa Senhora do Rosário em Porto Alegre, c. 1828.



Reis Congos, Reis eleitos e Príncipes da festa de Nossa Senhora do Rosário em Piedade do Rio Grande-MG, 2009. Foto: Rui Ernani. Acervo pessoal de Romário Tomé.



As imagens retratam, em temporalidades bem distintas, duas cortes negras no Brasil, compostas por reis, rainhas, príncipes e princesas. A imagem mais antiga, de 1828, representa a “Coleta para a manutenção da igreja de Nossa Senhora do Rosário em Porto Alegre”, assim descrita pelo artista Debret, autor da obra. Já a fotografia, foi tirada no ano de 2009 da então rainha Conga na época, dona Maria Teresinha de Castro, de capa branca, o rei congo José Tomé Neto, sentado à direita, a rainha eleita Maria Lucy da Silva, de capa azul, o rei eleito Carlos Antônio de Oliveira, sentado à esquerda e os príncipes (de pé) Cairo de Castro e Polyana Cristina da Silva, na festa da Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande- Minas Gerais.

Ao apresentar essas imagens, pretendo expor um dos objetivos desse artigo: contar a história das irmandades negras no Brasil e as festas de Congada e Moçambique da cidade de Piedade, no passado e no presente, compreendidas dentro do campo de múltiplos comportamentos que coexistem sincronicamente, no tempo da festa, do ritual e da dança, e diacronicamente, no tempo da memória.¹

As congadas são manifestações culturais negras bastante expressivas nos estados de Minas Gerais, São Paulo, Goiás e Paraná. Os grupos se apresentam em forma de cortejo real, incluem danças, cantos e são compostos predominantemente por homens e mulheres negros(as), que se reúnem para louvar seus santos de devoção. As congadas também são chamadas de ternos, guardas, cortes ou bandas e entre os mais tradicionais grupos estão o Moçambique, o Congo, a Marujada, o Candombe, os Caboclinhos, o Catopê e outros (BRASILEIRO, 2010).

Existem as festividades do Reinado, estrutura mais ampla e complexa, que abrange as guardas, os ternos e contempla vários rituais de devoção e festa – e a congada, além de se referir à festa, também dá nome às guardas do Congo.

Em Minas Gerais, diversas localidades mantêm a tradição das festas de reinado e congada (ou congado), com suas diferentes variações sendo explicadas, sobretudo, pela diversidade de irmandades negras existentes (MARTINS, 1988:15) e suas divisões por grupos de procedência das regiões da África no passado colonial.

Em sua análise sobre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da região de Jatobá, em Belo Horizonte, Leda Maria Martins afirma que as culturas negras que

¹ R. Koselleck explica essa possibilidade de experiências de tempos diferentes e simultâneos; aponta a multiplicidade de significados como formas diferenciadas dos atores sociais lidarem com o tempo presente em uma mesma temporalidade, ao esclarecer a coexistência de tempos históricos variados em um mesmo tempo cronológico. O momento presente é composto pelos sentidos políticos e sociais do passado vivido e do futuro esperado. (KOSELLECK, 2006).



matizaram os territórios americanos, em sua formulação, evidenciaram o cruzamento das tradições e memórias orais africanas com todos os outros códigos e sistemas simbólicos com que se confrontaram. As congadas são as festas e as cerimônias que o Reinado de Nossa Senhora do Rosário fazem para os santos católicos, festejados africanamente (MARTINS, 1997:24).

Elizabeth Kiddy estudou a Congada da cidade de Oliveira, região central de Minas Gerais. Seu recorte temporal perpassa três diferentes períodos: colonial, imperial e o século XX e sua análise afirma que a resistência, alternada de conformismo, é uma estratégia e uma condição para a manutenção dessa manifestação cultural ao longo dos tempos. Na visão da autora, a congada é uma tradição de heterogenia, pois “projeta-se nas acomodações das práticas ritualísticas uma força espiritual, baseada nos preto-véios e ancestrais, expressa na devoção à santa” (KIDDY, 2005:54).

Os primeiros registros de congadas são do período colonial: as primeiras manifestações de coroação de reis negros teriam sido realizadas com os reis de Angola no século XVII, e tal prática teria sido realizada por escravos e forros no XVI em Lisboa. O surgimento da eleição do rei e da rainha congos liga-se à representação política e simbólica do rei do Congo, promovida em 1551, pelo rei português D. João III em Portugal (TINHORÃO, 1988:42).

Acredita-se que, no Brasil colonial, a primeira coroação do rei Congo feita por uma irmandade religiosa ocorreu em Recife no século XVI e Chico Rei, considerado o primeiro rei Congo a fazer um terno de Congada em Minas Gerais teria sido coroado no ano de 1717 (FRANÇA, 2011: 9).

Através das irmandades religiosas, a população negra no Brasil colonial e também imperial, escravos africanos, escravos nascidos no Brasil e livres, reconstruíram suas identidades e reinterpretaram os códigos católicos, conquistando relativa autonomia para praticarem seus cultos (OLIVEIRA, 2006).

As irmandades negras desses períodos se formavam em torno das identidades africanas mais amplas, criadas na diáspora negra² e uma das principais atividades dessas era a,

² Para uma discussão em torno das questões da diáspora negra, cf.: GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro: UCAM/Editora 34, 2001. PALMER, Colin. *Defining and Studying the Modern African Diaspora. The Journal of Negro History*, New York, 2000, v. 85, n.1-2, Winter-Spring, pp. 27-32, 2000. BUTLER, Kim. *Defining Diaspora, Redefining a Discourse. In: Diáspora*. 2001. pp. 189-219. HALL, Stuart. *Da diáspora, Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte/Brasília, Universidade Federal de Minas Gerais, Unesco Brasil, 2003.



promoção da vida lúdica, ou estabelecer o estado de folia de seus membros e da comunidade negra em geral [...] acompanhadas do bater de atabaques, mascaradas e canções cantadas em línguas africanas. [...] os africanos reviviam simbolicamente suas antigas tradições culturais e consolidavam na prática novas identidades étnicas.(REIS, 1997: 25).

Especialmente em Minas Gerais, no período colonial e imperial, as irmandades de Nossa Senhora do Rosário eram bastante numerosas e expressivas; nesses espaços os reis e rainhas pertenciam a diferentes grupos étnicos e eram de diferentes procedências; ser rei conferia prestígio, mesmo a um escravo, por ser reconhecido não só junto dos seus pares como frente à comunidade (BORGES, 2005). Havia diversos rituais e a participação de diferentes grupos, portanto, não se tratava de uma representação direta do reino do Congo em terras coloniais, mas era, antes de tudo, uma “representação do novo grupo reconstruído na situação colonial. Mesmo porque em Minas os irmãos provenientes do Congo nem sempre constituíram a maioria das confrarias.”(BORGES, 2005:177).

As irmandades negras tinham variedade de santos de devoção, como Nossa Senhora do Rosário, Santo Elesbão, São Benedito, Santa Efigênia, Santo Antônio e outras. A linguagem religiosa no período colonial e imperial, portanto, foi o terreno da mediação cultural e as irmandades — e suas festas e congadas — são entendidas como parte das estratégias encontradas pelos escravos de resistirem à escravidão, como espaço de autonomia e criação de laços de solidariedade e sociabilidade.

Existem estudos sobre congadas realizados em diversas áreas, por diversos estudiosos – antropólogos, historiadores, sociólogos e outros que problematizam cada localidade e o seu ritual. Em quase todas as análises, destacam-se os aspectos referentes à diversidade rítmica presente no ritual, as celebrações e os elementos africanos e católicos mesclados nessa manifestação.

Na década de 1970, Carlos Rodrigues Brandão escreveu sobre a festa do congado em Catalão (Goiás) em suas diversas facetas e definiu o que chamou de espaços de sociabilidade próprios – inaugurando, assim, uma nova fase de estudos sobre o tema (BRANDÃO, 1985). Na década de 1980, Edmilson Pereira e Núbia Gomes escreveram “Negras raízes mineiras”, considerado um marco divisor sobre o estudo do congado em Minas Gerais (GOMES, PEREIRA, 1988). Diferente dos trabalhos dos



folcloristas³, tal aproximou história e antropologia, interpretou essas manifestações como forma de resistência negra, observada através das irmandades e como uma prática social representativa.

Os principais estudos sobre as Congadas no estado de Minas Gerais associam a história da Congada à história das Irmandades negras no período colonial e imperial e, com isso, à história da escravidão. Desse modo, tais estudos fundam-se na tradição como ponto essencial dos trabalhos e a congada como um evento dentro de uma linearidade temporal que vem desde o passado colonial até os dias atuais.

Outros grupos foram fundados no século XX, no pós-abolição. Alguns reinterpretaram e recontaram as histórias do passado escravista do Brasil em suas festas: esse é o caso da festa de Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande-MG, que apresento a seguir.

Gerações e festas da Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande-Minas Gerais

Em Piedade do Rio Grande-MG, os ternos de Congada e Moçambique são compostos pelos mesmos homens negros, que juntos formam a “*Sociedade de Congada e Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e das Mercês*”. A rede de relações mantida entre os membros está nos laços de parentesco, compadrio e solidariedade entre tais.

A chegada dos primeiros povoadores à região, localizada no campo das vertentes de Minas Gerais, com proximidades ao sul do Estado, remonta ao século XVIII, período em que houve a criação do curato de Nossa Senhora da Piedade, com a Igreja fundada em 1748. No fim do século XVIII e meados do XIX, a região manteve-se pelas trocas econômicas com as Vilas mineradoras vizinhas, São João del Rei e São José Del Rei (atual Tiradentes). Em fins do século XIX e início do XX, as fazendas de criação de gado e abastecimento de milho e feijão permaneceram ativas, mesmo após fim da escravidão, em 1888. Para José Murilo de Carvalho, a transição do trabalho escravo para o livre na região,

³Câmara Cascudo foi um dos folcloristas que pesquisou as congadas no Brasil e as dividiu em três grupos: 1) danças e cantos nas Igrejas pela coroação dos Reis de Congo com cerimonial onde o entronizado exerce autoridade sobre os companheiros; 2) danças e cantos interpretativos de fatos históricos e tradicionais da África, ligados pela memória comum e executados nas festas católicas; 3) bailes de reconstituição social. In: CASCUDO, CÂMARA. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954.



parece ter-se verificado sem traumas. Os ex-escravos saíram das senzalas, se ainda nelas viviam, construíram suas casas em terrenos cedidos pelos proprietários ou terras públicas, e continuaram a trabalhar para os antigos donos, ou para fazendeiros vizinhos. O salário era muitas vezes substituído por parceiros, por trocas e serviços, como moagem de milho (JESUS, ALVES, 2011:14).

Foi na década de 1920 que a Sociedade de Piedade foi fundada e registrada “*para adoração de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Mercês*”.⁴ Um grupo de homens que se relacionavam, desde o período escravista, através de suas famílias e na Irmandade que frequentavam na cidade vizinha (Ibertioga), buscaram recriar seus símbolos, rituais e devoções e decidiram associar-se por elos culturais, históricos e políticos.

A primeira geração de congadeiros e moçambiqueiros reinventou formas de dominação e dependência nas relações entre os fazendeiros – elite quase sempre branca da região – e os trabalhadores rurais, majoritariamente negros, que continuaram trabalhando nas fazendas, após a abolição. A experiência do cativo foi requalificada no período do pós-abolição, o que para Hebe Mattos significou relações de trabalho e hierarquias baseadas nas relações escravistas (RIOS, MATTOS, 2005).

A fundação da Sociedade de Congada e Moçambique insere-se no contexto do pós-emancipação no Brasil que abrigou múltiplas modalidades de relações sociais.⁵

As décadas de 1950, 60 e 70 foram marcadas por uma intensa migração dos membros da Sociedade de Congada e Moçambique para grandes cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo – a maioria deles, filhos dos fundadores e por um grande êxodo rural em Piedade do Rio Grande, onde o campo não oferecia maiores possibilidades de trabalho e as cidades mais desenvolvidas apresentavam crescimento. Nesse quadro, a festa e a Sociedade de Congada e Moçambique ganhavam outro sentido: o retorno dos

⁴ Ata da Primeira Reunião da Sociedade de Congada e Moçambique de Piedade, de 10 de junho de 1928.

⁵ Um questionamento levantado por Thomas C. Holt, Rebecca J. Scott e Frederick Cooper é interessante: quais são as fronteiras adequadas do estudo das sociedades pós-emancipação? Geralmente, os trabalhos sobre o período do pós-abolição remetem ao fim da escravidão e não têm data limite, como afirmam os autores. Para essa discussão, ver especialmente: COOPER, Frederick; HOLT, Thomas C.; SCOTT, Rebecca. Além da escravidão. Investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. E ainda, o recente trabalho de Rebecca Scott e Jean Hébrard, sobre a trajetória familiar de descendentes de escravos em diversos espaços atlânticos, datados do fim do século XVIII até o início do XX. SCOTT, Rebecca e HÉBRARD, Jean. *Freedom Papers. An Atlantic Odyssey in the Age of Emancipation*. Cambridge, Massachusetts; London, England: Harvard University Press, 2012. Para o debate historiográfico sobre o pós-abolição no Brasil, ver especialmente: RIOS, Ana Lugão & MATTOS, Hebe. A pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. *Topoi*, v. 5, n. 8, jan-jun, 2004, pp. 170-198.



membros que tinham migrado para o reencontro com a cidade natal, com os membros familiares e com a própria Congada e Moçambique.

Para José Murilo de Carvalho, o sistema de trabalho na região de Piedade do Rio Grande, baseado na substituição do salário por parcerias, à meia ou à terça, trocas e serviços, sobreviveu com poucas alterações até 50 anos após a Abolição. Foi essa nova geração de congadeiros e moçambiqueiros, que segundo o autor migra “inicialmente para Volta Redonda, atraída pela construção da Companhia Siderúrgica Nacional, depois para São Paulo.” (JESUS, ALVES, 2011:14).

A ida para a festa de Nossa Senhora do Rosário significava, portanto, o retorno à Piedade do Rio Grande e o reencontro familiar.⁶ É com o empenho dessa geração que o grupo consolida-se enquanto festa da cidade, porém, restrita ao grupo familiar dos congadeiros e moçambiqueiros. Para aqueles membros que não migraram, muitos eram os fundadores que continuaram trabalhando nas fazendas da região, a festa era o momento de descanso, quando deixavam as fazendas que trabalhavam e seguiam para a cidade. A festa estava restrita ao grupo dos congadeiros e moçambiqueiros e seus familiares e nos dizeres de alguns entrevistados “brancos não participavam”.⁷

Atualmente, a maioria dos congadeiros e moçambiqueiros mora em Piedade do Rio Grande, aqueles que residem fora continuam indo para a festa (não são muitos) e a festa representa um espetáculo, no sentido turístico e ritualístico.

A entrada de um pároco admirador da Congada e Moçambique no ano de 1987 (e que continua até hoje na cidade), a participação do padre Raimundo, representante da Pastoral de Agentes Negros, da Igreja Católica, a verba anual repassada pela Prefeitura Municipal e a tentativa de construção de um espaço para a Sociedade são acontecimentos que marcam esse período atual; ambos aspectos estão repletos de lutas simbólicas, negociações com as autoridades e com o espaço público da cidade.

Netos e sobrinhos-netos dos fundadores pertencem ao grupo, alguns moram em Piedade do Rio Grande, outros não. A festa continua como espaço de encontro dos grupos familiares ligados à Congada e Moçambique.⁸ Eventualmente o grupo participa de apresentações nas cidades vizinhas, nos encontros de Congadas realizadas por diferentes Secretarias municipais de Cultura do Estado de Minas Gerais.

⁶ Entrevista concedida por Maria Emerenciana Silva, Adalgisa Lima e Lourdes Lima Neves dos Santos em 28 de maio de 2012.

⁷ Entrevista concedida por Maria Emerenciana Silva, Adalgisa Lima e Lourdes Lima Neves dos Santos em 28 de maio de 2012.

⁸ Entrevista concedida por Maria Emerenciana Silva, Adalgisa Lima e Lourdes Lima Neves dos Santos em 28 de maio de 2012.



Para essa nova geração, a questão da cor é amplamente afirmada no grupo. Ser negro e participar da Congada e Moçambique são pontos fortes nas falas dos membros e nos artigos distribuídos na festa, assim como nos postais entregues na porta da Igreja, após a realização da missa.

No postal da festa de 2011, o texto escrito em papel fotográfico: “Hoje somos raízes, buscando nosso valor. Negro fazendo história, negro também é amor.” Nas camisetas vendidas em 2006, os dizeres: “Fomos, somos e seremos sempre guerreiros. 80 anos de tradição, amor e raça” e na de 2008, um trecho de uma música: “Eu só quero é ser feliz, andar tranquilamente na cidade onde eu nasci e poder me orgulhar e ter a consciência que o negro tem seu lugar”.

O ativismo negro dos congadeiros e moçambiqueiros está presente em suas festas, uma vez que reivindicam, também através de suas performances, espaços de cidadania e lutam contra o racismo.

A festa atualmente acontece no último fim de semana do mês de maio – anteriormente acontecia no mês de outubro. Pelas entrevistas realizadas no decorrer da festa dos anos de 2013/2014 com diversos membros da Congada e Moçambique e alguns moradores da cidade, a mudança do mês dos festejos foi motivada pelos por conta das chuvas: o mês de outubro é chuvoso na região e a Congada e Moçambique não conseguia dançar nas ruas sem calçamento, assim, mudaram para o mês de maio, que caracteriza-se por seco e frio na região, além de ser o mês dedicado ao culto de Maria na religião católica.

Existem no decorrer dos mais de oitenta anos de festa, negociações para a ocupação do espaço público – como a Igreja e a praça. Atualmente, a festa é ocupada por turistas, máquinas fotográficas e um cortejo em torno dos ternos. A população local, atualmente, assiste a festa, acompanha o cortejo, mas não ajuda na sua organização, tudo fica à cargo da Sociedade congadeira e moçambiqueira.

No período em que acontece os festejos, ocorre uma subversão da hierarquia social vigente, com a elevação simbólica dos congadeiros e moçambiqueiros que, no três dias de festa, passam a ocupar posição de destaque e ter visibilidade na cidade. “A congada expressa uma forma de resistência baseada antes, na negociação pela busca de reconhecimento social, do que no confronto direto” (COSTA, 2006:13).

Os rituais, os cantos e a devoção à Nossa Senhora do Rosário são repassados entre os membros das gerações. Ao longo do século XX, eles (re)inventaram suas tradições (HOBSBAWM, 1984: 9-23) e hoje as festas mesclam práticas rituais como



procissões, cerimônia de coroação dos reis, rainhas e princesas, banquetes e várias representações dramáticas.

Sob a chefia do capitão, do rei e da rainha Conga, todos os homens dançam e cantam em louvor aos seus santos de devoção, nos dias da festa. O terno da Congada apresenta-se durante o sábado até a coroação de N. S. das Mercês, realizada a noite, após a missa e o tom da dança é marcado pelo som da sanfona e os passos pela leveza e alegria. O terno de Moçambique apresenta-se na sexta e no sábado à noite e domingo o dia todo e dançam ao som do tambor com passos firmes e guerreiros.

À noite, após a celebração da Missa, os ternos dirigem-se para a praça central e dançam em volta da fogueira de aproximadamente três metros de altura, cantando e dançando em tons de guerra e liberdade.

Além dos homens chamados “dançadores”, existe a Corte, formada pela Rainha Conga, eleita entre os membros da Sociedade, o Rei, príncipe e princesas negros(as). Pela hierarquia dos ternos, o posto mais alto é ocupado pelo capitão. Durante a festa acontece a “chamada de reis”, que são as promessas pagas em dinheiro pelos príncipes e princesas de promessas, que a cada ano se renova entre os moradores locais. Desse modo, por motivo de saúde ou por qualquer motivo particular, qualquer morador pode fazer uma promessa para Nossa Senhora do Rosário e essa será “paga” no dia da sua festa. O terno da Congada busca cada princesa e príncipe de promessa em sua respectiva casa e leva-os até a Igreja do Rosário, para que lá aconteça o ritual do “pagamento da promessa”.

Em muitos rituais e na devoção a Nossa Senhora do Rosário, os ternos de Piedade remetem-se à memória da escravidão e também da Abolição⁹ e a história contada do tempo passado é transposta para o presente, como é possível perceber pela própria origem mítica da festa.

As narrativas míticas da Congada e as memórias da escravidão

José Luiz: A congada é do mundo e da raça negra. O preto era cativo dos fazendeiros, então apareceu São Benedito empregado do

⁹ Em muitas músicas da Congada e Moçambique há referência ao evento “libertador” e a Abolição. O significado desse evento foi (e continua) constantemente redefinido por esse grupo de homens participantes da Congada e Moçambique. Nesse sentido, conferir os trabalhos: DAIBERT JÚNIOR, Robert. *Isabel, a "redentora" dos escravos: Uma história da princesa entre olhares negros e brancos (1846-1988)*. Bauru: EDUSC, 2004 e LUCAS, Glauro. *Os sons do Rosário. O Congado mineiro dos Arturos e Jatobá*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

fazendeiro, ele tirava do fazendeiro e dá para os pobres. O fazendeiro descobriu “*O negro, o que você tá fazendo aí?*” passou a mão na navalha espremeu e saiu sangue através da escravidão. Então, surgiu Nossa Senhora em uma gruta. O fazendeiro foi lá e buscou ela. Buscou ela, amanheceu, ele foi e ela estava lá na gruta outra vez. Daquilo inventou essa dança “*Senhora do Rosário vamos simhora/ Senhora do Rosário vamos simhora/ Sua casa foi morada/ sua casa*” mas os cativo trouxe ela na palma da mão pela capela, nunca mais ela saiu. Interessante, né? Por isso que essa festa linda teve na escravidão da raça negra. Eu estou com 84 anos, 80 anos de Moçambique e dentro da congada. Posso desistir? Não dá. Eu já rodei, mas com o maior orgulho defendendo Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Mercês e São Benedito que é meu pai.¹⁰

A narrativa acima foi contada pelo sr. José Luiz Lima, o mais idoso congadeiro e moçambiqueiro de Piedade, em foto reproduzida abaixo, vestido com a roupa do terno de Moçambique, segurando nas mãos a bandeira de Nossa Senhora das Mercês e a sacola das esmolas. Sua voz firme e emocionada narrou, no domingo da festa do ano de 2014, sobre o mito de origem das congadas, além de suas motivações, fé e devoções.



José Luiz Lima, dançador congadeiro e moçambiqueiro Piedade do Rio Grande — maio de 2014 — Foto: Natália Ferracioli.

¹⁰ Entrevista concedida por José Luiz Lima em 01 de junho de 2014.



Efigênia: Porque Nossa Senhora do Rosário teve essa festa dela dos negros, quando a Nossa Senhora apareceu lá na gruta de Belém, lá no buraco, então juntou os fazendeiros com tudo que é riqueza, um monte de banda e foi lá na gruta tirar ela do buraco que ela tava lá pra trazer pra Igreja, ela apareceu lá na gruta, então um monte de gente rica juntou e foi pra tirar Nossa Senhora do Rosário lá da gruta pra trazer pra Igrejinha do Rosário, aí trouxeram, aí ela veio embora pra cá, era domingo, quando acabou a festa dela, quando foi no outro dia de manhã eles foram lá festejar a Nossa Senhora do Rosário e cadê Nossa Senhora do Rosário dentro da Igreja? Tinha campado pro buraquinho dela lá de novo, tava lá no buraco dela da gruta, não acharam, vou te contar como começou a congada, não acharam ela dentro da Igreja, ela fugiu de noite e foi embora lá para o buraco dela lá onde ela apareceu, aí ela ficou lá e quando foi de noite pronto aí os negros falou “então os brancos foram lá e não trouxe então nós é que vamos buscar a Nossa Senhora do Rosário pra vir pra Igreja”, aí juntou os negros tudo, vestiu tudo de branco, tudo enfeitado, os negros foram lá na gruta onde ela estava, chegou lá e cantaram “Senhora do Rosário vamos simhora, Oh Senhora do Rosário vamos simhora, a sua casa é sua morada”, que era a Igreja né? “Senhora do Rosário vamos simhora, senhor rei mandou chamar, a sua casa é sua morada”, aí N. S. do Rosário luiu com eles, levou um andor, ela luiu na cacunda dos negros, os negros pôs ela nas costas trouxeram cantando e pulando atrás dela, com as aquelas manguaras, a casa santa é sua morada eles cantavam aí trouxeram ela e botou lá e ela nunca mais saiu dali então ali chama Igreja do Rosário.¹¹

A origem mítica sobre as festas é também contada através da aparição de Nossa Senhora do Rosário por Dona Efigênia Nascimento, cozinheira da festa em Piedade por mais de quarenta anos. Dona Efigênia refere-se ao mito da aparição de Nossa Senhora, considerado a narrativa fundadora dos ternos de Congada e Moçambique. Esse mito fundamenta e estrutura os rituais congadeiros e moçambiqueiros de muitas cidade mineiras.

Existem diversas versões e formas de contá-la. No caso de Piedade, dona Efigênia elenca os locais “exatos” da aparição, como a gruta e a Igreja do Rosário, que também são locais importantes para a realização da festa no tempo presente. Dona Efigênia transforma a narrativa ainda mais especial com o seguinte trecho: “Porque Nossa Senhora do Rosário apareceu lá na gruta, então apareceu um ‘monte’ de gente rica, juntou e foi tirar ela da gruta pra trazer para a Igrejinha do Rosário”. A Igrejinha do Rosário, citada por dona Efigênia, é a mesma Igreja da cidade onde são realizados os principais rituais nos dias da festa de maio. Esse mito foi apropriado por dona Efigênia para as questões locais.

O depoimento do padre Raimundo, em foto abaixo, narra:

¹¹ Entrevista concedida por Efigênia do Nascimento Silva em 03 de junho de 2013.

Padre Raimundo: É, até inclusive depois eu posso dá pra vocês por escrito, eu tenho toda a história como que, por que Moçambique, por que congada. Mas a principio, conta-se que apareceu uma imagem na beira do rio e Nossa Senhora e os brancos foram lá buscá-la pra levar para uma capela e ela... eles levavam ela pra capela e ela voltava pro rio. E aí apareceu os negros moçambiqueiros, né? Com seus instrumentos e pés descalços e a Santa os acompanhou, então daí começou a surgir essa devoção a Nossa Senhora do Rosário através dos moçambiqueiros. Então tem toda uma hierarquia, quem que vai a frente da procissão são os moçambiqueiros. Eles vão abrindo caminho para os congadeiros passarem. Então, os moçambiqueiros foram os primeiros que tiveram, assim, o despertar desse movimento diante de Nossa Senhora. Então, nós temos vários tipos de ternos de congada, nós temos os moçambiqueiros, os congadeiros, a cutupé, vilão e são vários as denominações de outros ternos de congada.¹²



Padre Raimundo Inácio. Festa de Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande — maio de 2012 — Foto Romário Tomé.

¹² Entrevista concedida por pe. Raimundo Inácio da Silva em 01 de junho de 2014.



O resgate da imagem pelos negros e o fato de Nossa Senhora do Rosário seguir com eles é marcante nas falas dos três entrevistados, além de ambos colocaram a figura dos negros como central para a retirada da imagem das águas e mantenedora das festas do Rosário. Em outros termos, as versões desse mito atribuem ao Moçambique a honra de retirar a santa, como foi destacado pelo depoimento do padre Raimundo.

Como Hall esclarece sobre os mitos e o poder que exercem sobre os imaginários e ações:

os mitos fundadores, são, portanto, por definição, transitórios: não apenas estão fora da história, mas são fundamentalmente aistóricos. São anacrônicos e têm a estrutura de uma dupla inscrição. Seu poder redentor encontra-se no futuro, que ainda está por vir. Mas funcionam atribuindo o que predizem à sua descrição do que já aconteceu, do que era no princípio. Entretanto, a história, como a flecha do tempo, é sucessiva, senão linear. A estrutura narrativa dos mitos é cíclica. Mas dentro da história, seu significado é frequentemente transformado. (HALL, 2003: 29-30).

Conferir significados e dar sentidos, mesmo que em transformação, é o que ocorre com o mito da aparição da santa nas festas congadeiros. Ele cumpre o papel de conectar os congadeiros à ancestralidade – e não cabe ao historiador, tomá-los como “inverídico” ou “mistificado”, mas como uma narrativa que explica e fundamenta as festas de Congadas, organizando-as simbolicamente (LÉVI-STRAUSS, 1996).

Interpretar a festa de Nossa Senhora do Rosário implica entender como interage o mito fundacional e o conjunto de eventos formais que devem ser obedecidos para que os louvores sejam aceitos pelos santos padroeiros. É preciso compreender como se relaciona mito e rito na festa, pois a santa só aceita as louvações se estas forem executadas seguindo determinados princípios organizados justamente em função do mito. É a atualização anual do mito através do ritual que concede à congada a possibilidade de constantes reelaborações na contemporaneidade. (SILVA, 2008:4).

Os trechos das músicas citadas por dona Efigênia e o sr. José Luiz “Vamos simhora, Nossa Senhora do Rosário”, “a sua casa é sua morada” são cantadas pelos congadeiros e moçambiqueiros nos dias da festa, no momento em que buscam a rainha Conga, o rei, os príncipes e as princesas e o cortejo toma as ruas da cidade. “A sua casa é sua morada” refere-se à ida da corte coroada para a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e essa é mais uma forma, ritualizada, que o mito da aparição da santa é renovado e reconstruído na pequena cidade mineira. A foto reproduzida abaixo,



representa esse momento na festa, no ano de 2009, em que o terno de Congada abre o cortejo para a Corte passar, logo atrás.



Terno de Congada e corte do rei e rainha Conga de Piedade do Rio Grande — maio de 2009 — Foto: Livia Monteiro.

A situação de repressão vivida pelos negros, uma vez que a princípio não era permitido que eles cultuassem a santa, passa por uma reversão simbólica, com a retirada da santa das águas pela força do som dos tambores, o que então funda outro poder, que agrupa a comunidade em torno do reinado (MARTINS, 1997). Glaura Lucas afirma que,

para os congadeiros, a lenda da aparição de Nossa Senhora do Rosário e seu resgate pelos negros por meio da música, dos cantos e das danças, constitui o modelo exemplar de comportamento para os grupos, fundamentando e estruturando os rituais. Em suas várias versões regionais, o ponto convergente da lenda é a identificação de N. S. do Rosário com o sofrimento dos negros, com quem ela opta por ficar. Nesse sentido, a santa aparece com frequência como responsável indireta pelo término da escravidão. A força da lenda como modelo para os congadeiros reside no fato de ela explicar a devoção a essa santa a partir da perspectiva dos negros (LUCAS, 2002).

A escravidão lembrada pela congada, para Patrícia Costa, “promove a reconciliação com esse passado traumático, na medida em que diversos ternos atualizam durante os festejos a aparição de N. Sra. do Rosário para os cativos, evento



transformador da imagem e do valor do escravo perante os senhores” (COSTA, 2006) Ainda para a antropóloga que analisou a Congada de Serra do Salitre, oeste de Minas Gerais, o louvor à N. Sra. do Rosário se constitui em chave que permitiu acessar os elementos positivos do passado lembrado por meio da congada.

Mito, tradição oral e história se fundem nos rituais da Congada e Moçambique de Piedade. Muitos fragmentos da história da escravidão estão presentes na memória, com novos significados e sentidos espirituais da ancestralidade. É através dos rituais que os congadeiros “evocam e homenageiam” seus antepassados – familiares e míticos, e “cantam a dor pelo sofrimento dos escravos e o respeito pelos saberes por eles legados, de tal forma que as gerações passadas não se distancia do presente.” (LUCAS, 2002).

Há uma relação entre a memória da escravidão e a valorização da Congada e Moçambique no tempo presente. Essa prática cultural passa por um processo de transformação, tornando-se um patrimônio cultural herdado e reconstruído por descendentes de escravos. Nesse sentido, os congadeiros e moçambiqueiros reafirmam politicamente suas trajetórias históricas e ganham, cada vez mais, visibilidade e novas perspectivas enquanto grupo cultural.

Nesses relatos analisados – e em outros tanto que ouvi – identifico uma memória compartilhada, que foi sendo construída e reconstruída ao longo do século XX, nunca existiu isolada, pois elas “prosseguiram seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível.”(POLLACK, 1989).

As narrativas míticas sobre a aparição de Nossa Senhora do Rosário, em conjunto com as músicas, os cantos, as danças e os rituais da Congada e do Moçambique rememoram o passado escravista, o sofrimento de seus antepassados, as estratégias de liberdade e com isso promovem no tempo presente, o seu não esquecimento.



Referências Bibliográficas

BORGES, Célia Maia. Escravos e libertos nas Irmandades do Rosário: devoção e solidariedade em Minas Gerais, século XVIII e XIX. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A festa do Santo Preto. 2º Ed. Rio de Janeiro: Funarte/ UFGO, 1985.

BRASILEIRO, Jeremias. Cultura afro-brasileira na escola: o congado na sala de aula. São Paulo: Ícone, 2010.

BUTLER, Kim. Defining Diaspora, Redefining a Discourse. In: Diáspora. 2001.
CASCUDO, CÂMARA. Dicionário do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954.

LÉVI-STRAUS, Claude. “A estrutura dos mitos”. In: _____. Antropologia estrutural. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1996.

COOPER, Frederick; HOLT, Thomas C.; SCOTT, Rebecca. Além da escravidão. Investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. As raízes da Congada: a renovação do presente pelos filhos do rosário. Tese de doutorado em Antropologia Social. Universidade de Brasília. Brasília, 2006.

FRANÇA, Cecília Cavaleiri; POPOFF, Yuri. Festa mestiça: o congado na sala de aula. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

GILROY, Paul. O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência. Rio de Janeiro: UCAM/Editora 34, 2001.

GOMES, Núbia. PEREIRA, Edmilson de Almeida. Negras raízes mineiras. Coleção Minas e Mineiros. Belo Horizonte: Ed. UFJF, 1988.

HALL, Stuart. Da diáspora, Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte/Brasília, Universidade Federal de Minas Gerais, Unesco Brasil, 2003.



HOBBSAWM, Eric. "Introdução". In: HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

JESUS, Maria Cecília de. ALVES, Maria das Dores. Histórias que a Cecília contava. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

KIDDY, Elizabeth. Blacks of the Rosary: memory and history in Minas Gerais, Brazil. Pennsylvania State: University Press, 2005.

KOSELLECK, Reinhardt. Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto Editora; Editora PUC Rio, 2006.

LUCAS, Glaura. Os sons do Rosário. O Congado mineiro dos Arturos e Jatobá. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MARTINS, Leda Maria. Afrografias da Memória: o reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MARTINS, Saul. Congado: família de sete irmãos. Belo Horizonte: SESCO MG, 1988.

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. Devoção e identidades: significados do culto de Santo Elesbão e Santa Efigênia no Rio de Janeiro e nas Minas Gerais no Setecentos. Topoi, Rio de Janeiro, 2006, v. 7, n. 12, pp. 60-115, jan.-jun. 2006.

PALMER, Colin. Defining and Studying the Modern African Diaspora. The Journal of Negro History, New York, 2000, v. 85, n.1-2, Winter-Spring, pp. 27-32, 2000.

POLLACK, M. 1989. "Memória, esquecimento e silêncio". Estudos Históricos, vol. 2, n.3, 1989. p. 3-15.

RABAÇAL, Alfredo. As congadas no Brasil. São Paulo: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia. Conselho Estadual de Cultura, 1976.

REIS, João José. Identidade e diversidade étnicas nas irmandades negras no tempo da escravidão. Tempo, Rio de Janeiro, 1997, v. 2, n. 3, 1997.



RIOS, Ana Lugão & MATTOS, Hebe. A pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. *Topoi*, v. 5, n. 8, jan-jun, 2004, pp. 170-198.

RIOS, Ana Lugão. MATTOS, Hebe Maria. *Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SCOTT, Rebecca e HÉBRARD, Jean. *Freedom Papers. An Atlantic Odyssey in the Age of Emancipation*. Cambridge, Massachusetts; London, England: Harvard University Press, 2012.

SILVA, Renata Nogueira. A festa da Congada: a tradição ressignificada. 2008. *Anais da 26ª Reunião Brasileira de Antropologia*. Porto Seguro-BA, pp. 1-13.

TINHORÃO, José Ramos. *Os negros em Portugal. Uma presença silenciosa*. Lisboa: Caminho, 1988. p. 140. _____. *Os sons dos negros no Brasil: cantos, danças, folguedos, origens*. São Paulo: Art. Ed., 1988.